

DE FIDELINO DE FIGUEIREDO E JORDÃO EMERENCIANO À ABRAPLIP: OS ESTUDOS DE LITERATURA PORTUGUESA NO BRASIL

José Rodrigues de Paiva
Universidade Federal de Pernambuco

1. Fidelino de Figueiredo e os estudos portugueses no Brasil

Quando, em 1938, Fidelino de Figueiredo veio de Portugal contratado pela Universidade de São Paulo para ministrar na instituição um curso de Literatura Luso-Brasileira trouxe consigo, como principal instrumento de trabalho – além do seu vasto saber –, o essencial de uma biblioteca para utilização – por si e por seus alunos – no exercício do magistério e instalou o acervo nas dependências do gabinete de trabalho que então lhe foi destinado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que havia sido criada na USP em 1934. Esse fundo bibliográfico passava a ser, sem dúvida, desde então, a semente da biblioteca do futuro Instituto de Estudos Portugueses que ali começava a ter origem. Entre alguns dos destacados alunos integrantes da sua primeira turma teria o professor português a sorte de encontrar Cleonice Berardinelli – a quem convidaria para ser o elo de ligação entre ele e os demais estudantes, cabendo-lhe exercer o controle sobre o empréstimo dos livros – e Antônio Soares Amora, que acabaria por integrar a família do Mestre casando com a sua filha Helena Dulce de Figueiredo. Nascia com os então jovens estudantes tomados pelo professor como seus auxiliares, uma ainda incipiente equipe de trabalho. Cleonice Berardinelli viria mesmo a ser mais tarde convidada para sua assistente, o que acabou por não se concretizar. Ambos – Cleonice e Amora – seriam, no futuro – como se sabe –, destacados docentes, pesquisadores e ensaístas de literatura com relevante obra publicada.

A cadeira de Literatura Luso-Brasileira, ministrada em um ano dividido em dois semestres (um para a literatura portuguesa, outro para a brasileira) seria desdobrada, em 1940, em duas disciplinas autônomas, fazendo Fidelino de Figueiredo questão de que a brasileira fosse ministrada por professor nacional. Esse desdobramento, embora já aprovado desde 1936 pela Congregação da Faculdade, só se efetivou quatro anos mais

tarde por insistência de Fidelino. Ficou então o professor português encarregado, unicamente, da docência da Literatura Portuguesa. Entretanto, como diz Soares Amora,

convencido de que uma cadeira tinha limitados recursos de pesquisa e ensino, propôs à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em 1948, a criação de um Instituto de Literatura, de pronto aprovado, mas por dificuldades materiais só instalado, com algumas modificações, em 1955, como Instituto de Estudos Portugueses da USP (hoje Centro de Estudos Portugueses), instituição que inspirou a criação de vários centros semelhantes no país”¹.

As atividades de pesquisa propostas por Fidelino de Figueiredo e aceitas pela Faculdade tomaram corpo com a instalação de um gabinete onde pudesse, com os seus assistentes, trabalhar em tempo integral, e com a criação de publicação periódica “destinada a recolher a produção crítica da cadeira e a promover suas relações com congêneres produção nacional ou estrangeira”². Vem daí a criação do boletim de *Letras* da USP que circulou durante várias décadas.

A equipe de trabalho iniciada com a participação dos dois jovens estudantes (Cleonice e Soares Amora) foi contando, ao longo do tempo, com o concurso de outros discípulos que igualmente viriam a ser destacados protagonistas do ensino literário no Brasil, entre os quais, Segismundo Spina (que viria a ser seu assistente) e, mais tarde, continuando o trabalho do Mestre à frente do Instituto de Estudos Portugueses (dirigido por Soares Amora de 1955 a 1968), Massaud Moisés, Naief Safady e (bem mais tarde) Duílio Colombini.

Rememorando a atividade acadêmica de Soares Amora e o processo de institucionalização do Instituto de Estudos Portugueses, Massaud Moisés relata que

Em 1954, em meio aos festejos pelo 4º Centenário de S. Paulo, participou na organização do II Congresso Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, no qual constava a Exposição de Livros Portugueses, selecionados, com suma competência e saber pelo historiador Jayme Cortesão, nas mais bem sortidas livrarias e antiquários de Lisboa e outras cidades portuguesas. Constituíam um acervo do mais alto padrão

¹ AMORA, Antônio Soares. Fidelino de Figueiredo na origem dos estudos de Literatura Portuguesa no Brasil. XII Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa. *Anais...* BERARDINELLI, Cleonice (Org.). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; Setor de Literatura Portuguesa – Faculdade de Letras da UFRJ, 1992, p. 19.

² Idem, *ibidem*.

intelectual, em razão de abranger não poucas obras raras, ricamente encadernadas, e de grande valia para os estudiosos de Cultura Portuguesa. Doados a seguir para a Universidade de S. Paulo, em virtude de um convênio firmado, na altura, com a Universidade de Coimbra, visando a estabelecer um intercâmbio de professores e estudantes entre as duas entidades universitárias, além de outras atividades afins, os livros tornaram-se o núcleo fundamental da biblioteca do Instituto de Estudos Portugueses, que se fundou, por iniciativa de Antônio Soares Amora, para selar o acordo, que ainda contemplava a fundação, em Coimbra, de um Instituto de Estudos Brasileiros³.

O idealizado Instituto de Estudos Portugueses, parte importante do projeto acadêmico implantado por Fidelino de Figueiredo na USP, nascido em seu gabinete de trabalho e da sua biblioteca mínima para o ensino da Literatura Portuguesa, passava assim, pelas mãos do seu sucessor, à condição de entidade universitária ligada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras figurando no respectivo organograma. De 1938 a 1951, ano do regresso de Fidelino a Portugal – motivado por doença progressiva – o Instituto funcionara informalmente, graças ao trabalho pessoal do escritor português e à dedicação dos seus alunos mais vocacionados para a missão, dos quais emergiriam os seus assistentes e colaboradores. Em 1954 a biblioteca da entidade, ainda incipiente, foi substancialmente enriquecida com a dotação de um fundo bibliográfico doado pelo Governo português. Em 1955 Antônio Soares Amora elaborou para o Instituto o seu Regimento Interno dando-lhe personalidade acadêmica, surgindo, a institucionalização da entidade, de convênio firmado entre a USP e a Universidade de Coimbra, que, em contrapartida, criou em 1937 (por transformação da Sala do Brasil existente na Faculdade de Letras desde 1925), o Instituto de Estudos Brasileiros.

Iniciou-se, então, uma profícua troca de experiências universitárias com o intercâmbio de docentes, de estudantes e de material bibliográfico. Para São Paulo, como professor visitante (ou equivalente) veio o camonista Álvaro Júlio da Costa Pimpão, e, para Coimbra, seguiu o professor brasileiro Guilhermino César. Massaud Moisés, no mesmo já citado texto de homenagem a Soares Amora, relembra esse tempo:

³ MOISÉS, Massaud. Antônio Soares Amora. XXII Congresso Internacional da ABRAPLIP. *Anais...* Salvador, 13 a 18 de setembro de 2009, p. 52. Disponível em http://www.abraplip.org/anais_abraplip/index.php Acesso em 10.10.2012.

Antônio Soares Amora manter-se-ia na direção do IEP, inaugurado em janeiro de 1955, até fins da década de 60, e com tal êxito que acabou suscitando a instalação de entidades congêneres em Salvador, Recife, Fortaleza, Belo Horizonte. Foi a fase áurea da instituição: eram oferecidos cursos de extensão universitária de alto nível, a que acorriam ouvintes de várias faculdades, além da USP. Era comum a presença diária de professores e estudantes, levados pela pesquisa em andamento, para consultar a rica biblioteca de assuntos portugueses aberta ao público ou para avistar-se com o diretor da instituição ou algum dos demais membros, que integravam a cátedra de Literatura Portuguesa da USP, ou também com o professor visitante da Universidade de Coimbra. Assim se manteve o dia-a-dia do IEP, até que fosse transferido para o campus do Butantã, por força da reforma da USP, que se completaria em 1970, de que resultou o desmembramento dos departamentos científicos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, como a Física, a Biologia, a Matemática, a Química, que passaram a constituir faculdades autônomas⁴.

Foi, sem dúvida, o êxito alcançado pelo Instituto de Estudos Portugueses da USP, como diz Massaud Moisés, a grande motivação para que fossem criadas entidades congêneres e de assemelhado modelo em outras universidades brasileiras. Surgiram, assim, em Salvador, Recife, Fortaleza e Belo Horizonte, Institutos voltados para o estudo e divulgação da cultura portuguesa no Brasil, ligados às Faculdades de Filosofia, onde funcionavam os cursos de Letras nos anos de 1950/1960. Em Salvador, pelas mãos do médico-escritor e professor de neurologia Hélio Simões – que acabaria por trocar a medicina e o seu ensino pela docência da literatura – surgiria, em 1949, o Círculo de Estudos Portugueses, e depois, em 1955, pelo mesmo fundador, o Instituto de Estudos Portugueses. No Recife, em 1954, o professor Severino Jordão Emerenciano criava, na Faculdade de Filosofia de Pernambuco da então Universidade do Recife a entidade que levaria nome idêntico: Instituto de Estudos Portugueses⁵. Em Fortaleza, em 1965, foi criada, por iniciativa do professor e escritor Carlos d’Alge, na Universidade do Ceará e vinculada à Faculdade de Letras, a Casa de Cultura Portuguesa, e, em Belo Horizonte, em 1978, no Departamento de Letras Vernáculas da UFMG, por iniciativa conjunta do

⁴ Idem, *ibidem*.

⁵ Não foi possível encontrar, nas pesquisas feitas para a elaboração deste “memorial”, documento constitutivo (Ata, Regimento ou algo do gênero) da criação do Instituto, mas, no volume que reúne os estudos apresentados ao “X Seminário de Verão”, em página não numerada e inserida entre a 54 e a 55, ao meio do ensaio “Fernão Lopes, historiador”, de Jordão Emerenciano, lê-se a seguinte nota: “O Instituto de Estudos Portugueses, da antiga Faculdade de Filosofia da Universidade do Recife, hoje Instituto de Letras da Universidade Federal de Pernambuco, foi fundado em 1954 e tem sede no Edifício do Instituto de Letras, na Cidade Universitária”.

professor Wilton Cardoso de Souza e do Dr. José Roque Vieira Abranches Jordão, então Cônsul de Portugal na capital mineira, foi criado o Centro de Estudos Portugueses que teve como primeira diretora a professora Lélia Parreira Duarte. Mais de setenta anos após a iniciativa pioneira de Fidelino de Figueiredo, depois magistralmente conduzida por Antônio Soares Amora, e logo seguida na Bahia e em Pernambuco por Hélio Simões e por Jordão Emerenciano, respectivamente, as principais universidades brasileiras têm em funcionamento os seus Institutos, Centros, Associações ou Núcleos de Estudos Portugueses contando-se atualmente, em todo o país, cerca de vinte e cinco instituições do gênero. Em Portugal, também se expandiram os Institutos de Estudos Brasileiros, a partir do de Coimbra, para as Universidades de Lisboa e do Porto. Fernando Cristóvão informa, em texto de 1984, que

Os estudos brasileiros foram iniciados na Universidade portuguesa há sessenta e oito anos com a disciplina de “Estudos Brasileiros”, na Faculdade de Letras de Lisboa criada pela Lei 586 de 12 de Junho de 1916, embora só viessem a ser efectivamente leccionados a partir de 9 de Junho de 1923, por Oliveira Lima. Mais tarde, em 1957, esses estudos foram alargados à Universidade de Coimbra, em 1972 à do Porto e em 1979 à dos Açores⁶.

Pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Faculdade de Letras de Coimbra passaram, ao longo dos 74 anos da sua existência, alguns dos mais renomados professores e pesquisadores nacionais na área de Letras, particularmente da literatura brasileira. Depois de Guilhermino César leccionaram em Coimbra, com atuação no IEB, Hamilton Elia, Temístocles Linhares, Leodegário A. de Azevedo Filho, Albino de Bem Veiga, Maria de Jesus Evangelista Duarte e Maria Aparecida Ribeiro. Antes de Guilhermino já por lá haviam passado Ivanice Sampaio Passos e Thiers Martins Moreira. O ensino da disciplina de Literatura Brasileira na Faculdade de Letras do Porto, iniciado em 1972, teve como primeiros professores a brasileira Maria Tereza Leal Martinez e o português Arnaldo Saraiva. Para apoiar os estudos da disciplina no Porto

⁶ CRISTÓVÃO, Fernando. Situação e problemas do ensino da Literatura Brasileira em Portugal. *Actas do X Encontro de professores universitários brasileiros de literatura portuguesa e I Colóquio luso-brasileiro de professores universitários de literaturas de expressão portuguesa*. Lisboa/Coimbra/Porto – 1984. Lisboa: Instituto de Cultura Brasileira – Universidade de Lisboa, 1986, p. 114. Note-se que Fernando Cristóvão refere-se à criação de uma disciplina a inserir no então vigente currículo do Curso de Letras da Universidade de Lisboa – fazendo o mesmo com relação ao ensino de Letras em Coimbra, no Porto e nos Açores – e não à criação de Institutos que apoiassem com biblioteca e docentes os estudos dessas cadeiras. Os Institutos de Lisboa e do Porto só bem mais tarde seriam criados, sendo pioneiro o de Coimbra.

foi criada, em 1973, uma “Sala do Brasil”, hoje Centro de Estudos Brasileiros Adolfo Casais Monteiro que dispõe de biblioteca especializada, edita a revista *Terceira Margem* e realiza, periodicamente, colóquios e congressos.

Pelo Brasil, desde São Paulo, a partir de Fidelino de Figueiredo, do filólogo Rebelo Gonçalves⁷, do historiador Jaime Cortesão e de Álvaro Júlio da Costa Pimpão passariam outros importantes especialistas da cultura portuguesa, como Casais Monteiro e Jorge de Sena – vindos mais tarde –, Agostinho da Silva – um pouco por quase todo o território nacional –, Eduardo Lourenço (convidado para lecionar filosofia na Universidade da Bahia – 1958-1959 –, onde também atuaram Casais Monteiro e Vitorino Nemésio no ensino da literatura).

Casais Monteiro, Jorge de Sena e Vitorino Nemésio alcançariam destaque no Brasil não só na docência, como também na prática da crítica literária acadêmica e jornalística. Monteiro acabaria por morrer no Brasil e Nemésio deixou, na sua obra poética, o testemunho de amor ao país nos *Poemas brasileiros*, no *Violão de morro* e nos *9 romances da Bahia*, na *Ode ao Rio de Janeiro* e no *ABC do Rio de Janeiro*, além das crônicas de *O segredo de Ouro Preto e outros caminhos*, de *Caatinga e terra caída – viagens no Nordeste e no Amazonas*. Esse testemunho amoroso é dado também nos estudos dedicados a vários poetas nacionais – a Manuel Bandeira, sobretudo – e à literatura de cordel, pela qual Nemésio tanto se interessou. Agostinho da Silva foi uma espécie de semeador de instituições com as quais idealizava uma aproximação essencial entre o Brasil, a África e Portugal. Assim se fazia o intercâmbio cultural e acadêmico entre Brasil e Portugal naqueles tempos: muito mais pela ação individual de intelectuais portugueses apaixonados pelo Brasil e de brasileiros por Portugal do que pelos protocolos governamentais que não iam, nem vão, além da vazia e momentânea retórica. E apesar da informalidade, esse intercâmbio seria porventura muito mais produtivo do que o é hoje, multiplicados por muitos os protocolos e as cartas de intenções de que não se vêem resultados.

⁷ Rebelo Gonçalves teria mais tarde atuação importante, em Coimbra, juntamente com outros professores que apoiaram a proposta do Doutor Providência da Costa segundo a qual se transformou a Sala do Brasil, criada em 1925 (mas só inaugurada em 1937), no Instituto de Estudos Brasileiros, fundado na Faculdade de Letras em sessão solene realizada em 3 de fevereiro de 1941, vindo a ser o seu diretor até 1952.

2. Jordão Emerenciano e os estudos portugueses no Recife

Adotando o modelo pensado por Fidelino de Figueiredo, depois institucionalizado por Soares Amora na USP, o professor Severino Jordão Emerenciano criaria no Recife, em 1954, junto à Faculdade de Filosofia de Pernambuco – onde então funcionava o Curso de Letras no qual o mestre pernambucano lecionava a disciplina de História da Literatura Portuguesa –, o Instituto de Estudos Portugueses. Para essa Cátedra – a de História da Literatura Portuguesa – fora nomeado em 14 de fevereiro de 1952, tempo em que era Reitor da Universidade do Recife o Professor Joaquim Amazonas. Desde 1945 exercia também o cargo de Diretor do Arquivo Público Estadual. Como tantos outros professores e escritores do seu tempo (sobretudo professores da área de humanidades), Jordão Emerenciano tinha formação jurídica e muita paixão por vários saberes, sobretudo o Direito, a Literatura e a História. O seu trato cotidiano com livros e documentos levou-o a um segundo curso universitário, o de biblioteconomia e arquivística, no qual se licenciou em 1951. Viria a ser um contumaz formador de bibliotecas, suas e das instituições a que serviu e que criou. Terá sido, possivelmente, com algumas contribuições da sua biblioteca particular que iniciou a formação do acervo bibliográfico de que era necessário dotar o Instituto de Estudos Portugueses que criava como entidade de apoio a professores e estudantes de Letras e de História (ou, mais amplamente, de Cultura Portuguesa) nos seus trabalhos docentes e de pesquisa, e também na promoção e divulgação culturais voltadas, predominantemente, para as letras de Portugal.

Quando, em 1946, foi criada a Universidade do Recife, constituíram-na, inicialmente, as já existentes Faculdades de Direito e de Medicina e a Escola de Engenharia, bem como as Escolas anexas de Odontologia, Farmácia e Belas Artes. Em 1950 seria criada, no âmbito da Universidade, a Faculdade de Filosofia de Pernambuco, inicialmente constituída pelos cursos de História, Geografia, Letras, Pedagogia, Filosofia, Psicologia e Ciências Sociais. Nela prevalecia uma estrutura acadêmica voltada para o ensino no qual se privilegiava a sala de aula, mais que a pesquisa e a extensão. Não só em Pernambuco, como de resto em todo o país, as faculdades e as

escolas, naquele momento, estavam mais voltadas para a formação de futuros professores e daí provém a prevalência do ensino da Graduação⁸. Seriam então raríssimos (talvez nenhum) os Programas de Pós-Graduação. Data desse período (os anos de 1950) a expansão dos cursos de Letras nas universidades brasileiras.

É neste contexto que Jordão Emerenciano, professor do Curso de Letras Neo-Latinas da Universidade do Recife, criou o Instituto de Estudos Portugueses no âmbito da Faculdade de Filosofia de Pernambuco. Embora a ênfase dada ao curso universitário fosse a da atividade de ensino, com o Instituto o professor pernambucano começava pioneiramente, na Universidade do Recife, a estimular a pesquisa e a extensão, promovendo cursos, seminários, conferências e publicando, ainda que em modestas e precárias edições policopiadas, os resultados bibliográficos das atividades dos seus colegas e dos seus alunos. Era ainda a lição deixada por Fidelino de Figueiredo na USP, iniciada com a criação dos boletins de *Letras*.

Neste aspecto merecem destaque os Seminários de Verão, verdadeiros congressos anuais, concorridos e participados por grandes especialistas brasileiros e portugueses, realizados desde 1956 e ao longo de toda a década de 1960 até aos primeiros anos de 70, somando, sob a presidência de Jordão, uma série de treze. O professor Joel Pontes – sucessor de Jordão à frente do Instituto – realizaria mais dois: os de 1973 e 1974. Mas, além dos seminários de grandes nomes, merecem igualmente ser lembrados os “Seminários de Estudantes” que ele fazia realizar paralelamente àqueles de que participavam os especialistas renomados. Jordão publicou em volume os que estudaram a obra de Gil Vicente no 5º centenário do dramaturgo (1965), os que constituem “Subsídio para a bibliografia da Academia das Ciências de Lisboa” (1968) e, em anos posteriores, os que trataram de Fernão Lopes (1969), os da “Preparação ao Centenário de *As Farpas*” (1970), os da “Preparação ao IV Centenário de *Os Lusíadas*” (1971). Publicou as *Atas* dos Seminários de Verão (X ao XII – 1968 a 1971). Joel Pontes faria a edição das *Atas do XIII ao XVI Seminário*, realizados de 1971 a 1974.

Poderão ter sido os Seminários de Verão a ação inspiradora das futuras “Reuniões”, depois “Encontros nacionais de professores universitários brasileiros de literatura portuguesa”, precursores dos atuais Congressos Internacionais da Abraplip. A primeira destas ações precursoras – denominada “Reunião Nacional de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa” – foi realizada em Salvador, em

⁸ Assim se lê no “Histórico” do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, acessível (pela Web) no site da Universidade Federal de Pernambuco (acesso em 21.3.2013).

1966, sob a coordenação do professor Hélio Simões. A segunda ocorreria quatro anos depois (1971) em Belo Horizonte e a terceira (então já com a denominação de “Encontro Nacional de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa”) seria realizada no Recife, em 1974, sob a coordenação do professor Joel Pontes, porque Jordão Emerenciano havia falecido em 1972. Entretanto, os Seminários de Verão idealizados por Jordão continuariam a ser conduzidos por Joel Pontes até 1974. Mais tarde, em 1982, o Instituto de Estudos Portugueses, então já denominado de Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano (depois de ter sido Centro e Núcleo de Estudos Portugueses), sob a coordenação do professor Francisco Balthar Peixoto faria realizar o “IX Encontro Nacional de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa”. O “X”, por sugestão da coordenação do “IX” acatada por Universidades portuguesas (Lisboa, Porto e Coimbra), viria a ser realizado em Portugal, com sessões do congresso levadas a várias cidades.

No Brasil continuariam a ser realizados, periodicamente, os “Encontros de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa” até a criação da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa (Abraplip), que ocorreu ao final do XVII Encontro, em Belo Horizonte, no ano de 1999. Daí em diante os “Encontros” passaram a ser chamados de “Congressos Internacionais da Abraplip”. A partir de 2006 seriam criados os “Encontros Regionais Norte-Nordeste”.

Parafrazeando o tema central deste Encontro Norte-Nordeste – “Relações literárias luso-brasileiras” – creio que se pode dizer que nas relações acadêmicas entre os dois países no domínio das suas literaturas fica Portugal a dever muito ao que se faz no Brasil, sendo certo que o Brasil faz muito mais pela literatura portuguesa do que Portugal pela brasileira. E é bem possível que as universidades brasileiras façam tanto ou mais que as lusitanas pela própria literatura, a portuguesa. Basta observar-se a quantidade e a qualidade dos estudos apresentados a cada congresso da Abraplip. Mas há um longo caminho percorrido desde os idos de 1938, desde quando Fidelino de Figueiredo aportou na Universidade de São Paulo, fundando ali os estudos portugueses, fazendo escola, inspirando discípulos, construindo exemplos e projetos que foram seguidos em várias partes deste país. Essa é uma história que não pode ser esquecida.

BIBLIOGRAFIA

ALVAREZ, Aurora Gedra Ruiz. Massaud Moisés: a busca do diálogo contínuo. *Todas as Letras*, n. 1, p. 11-13, São Paulo, 1999.

AMORA, Antônio Soares. Fidelino de Figueiredo na origem dos estudos de Literatura Portuguesa no Brasil. XII Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa. *Anais ...*. BERARDINELLI, Cleonice (Org.). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; Setor de Literatura Portuguesa – Faculdade de Letras da UFRJ, 1992, p. 18-22.

AMORA, Antônio Soares. O ensino da Literatura Portuguesa no Brasil. *Actas do X Encontro de professores universitários brasileiros de literatura portuguesa e I Colóquio luso-brasileiro de professores universitários de literaturas de expressão portuguesa*. Lisboa/Coimbra/Porto – 1984. Lisboa: Instituto de Cultura Brasileira – Universidade de Lisboa, 1986, p. 125-129.

BERARDINELLI, Cleonice. Fidelino de Figueiredo: mestre de mestres. In: LEMOS, Fernando e LEITE, Rui Moreira (Orgs.). *A missão portuguesa: rotas entrecruzadas*. São Paulo: UNESP; Bauru: Edusc, 2003, p. 103-108.

BERARDINELLI, Cleonice. Fidelino de Figueiredo e Thiers Martins Moreira: dois Mestres de Literatura e de vida. XXII Congresso Internacional da Abraplip. *Anais ...* p. 9-23. Salvador, 13 a 18 de setembro de 2009. Disponível em http://www.abraplip.org/anais_abraplip/index.php (Acesso em 10.10.2012).

CRISTÓVÃO, Fernando. Situação e problemas do ensino da Literatura Brasileira em Portugal. *Actas do X Encontro de professores universitários brasileiros de literatura portuguesa e I Colóquio luso-brasileiro de professores universitários de literaturas de expressão portuguesa*. Lisboa/Coimbra/Porto – 1984. Lisboa: Instituto de Cultura Brasileira – Universidade de Lisboa, 1986, p. 114-123.

MOISÉS, Massaud. Antônio Soares Amora. XXII Congresso Internacional da Abraplip. *Anais ...* p. 50-56. Salvador, 13 a 18 de setembro de 2009. Disponível em http://www.abraplip.org/anais_abraplip/index.php (Acesso em 10.10.2012).

MONGELLI, Lênia Márcia. Massaud Moisés, um teórico com vocação de professor. XXII Congresso Internacional da Abraplip. *Anais ...* p. 41-49. Salvador, 13 a 18 de setembro de 2009. Disponível em http://www.abraplip.org/anais_abraplip/index.php (Acesso em 10.10.2012).

PAIVA, José Rodrigues de. Jordão Emerenciano, o ensino e a pesquisa da Literatura Portuguesa em Pernambuco: uma memória “construída”. XXII Congresso Internacional da Abraplip. *Anais ...* p. 24-32. Salvador, 13 a 18 de setembro de 2009. Disponível em http://www.abraplip.org/anais_abraplip/index.php (Acesso em 10.10.2012).

RIBEIRO, Maria Aparecida. A literatura brasileira na Universidade de Coimbra. In: GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal (Org.). *Afinidades atlânticas*. Impasses, quimeras e confluências nas relações luso-brasileiras. Rio de Janeiro: Quartet / FAPERJ, 2009, p. 89-127.

RIBEIRO, Maria de Fátima Maia. Acasos de uma errância brasileira. *Via Atlântica*, n. 4, out. 2000, p. 282-300. Disponível em www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via04/via04_24.pdf (Acesso em 12.10.2012).

RODRÍGUEZ, Ricardo Vélez. Um liberal português do século XX: Fidelino de Souza Figueiredo (1888-1967). Disponível em www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/FIDELINO.pdf (Acesso em 12.10.2012).

SARAIVA, Arnaldo. Meio século de estudos brasileiros na Universidade portuguesa. *Revista da Faculdade de Letras* (série Filologia). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, v. I, 1973, p.159-166.

SEIXAS, Cid. Hélio Simões: do poeta modernista ao fomentador das relações luso-brasileiras. XXII Congresso Internacional da Abraplip. *Anais ...* . p. 1-8. Salvador, 13 a 18 de setembro de 2009. Disponível em http://www.abraplip.org/anais_abraplip/index.php (Acesso em 10.10.2012).

SERPA, Élio Cantalício. O Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de Coimbra: o lugar do Brasil. Disponível em www.contemporanea.ugr.es/files/.../06.../cantalicio,%20elio.pdf (Acesso em 12.10.2012).

ANEXO

ENCONTROS DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS DE LITERATURA PORTUGUESA / CONGRESSOS INTERNACIONAIS DA ABRAPLIP

1. Primeira “Reunião Nacional de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa”. Salvador – 1966.
2. “Segunda Reunião Nacional de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa”. Belo Horizonte – 1971.
3. “III Encontro Nacional de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa”. Recife – 1974.
4. “IV Encontro Nacional de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa”. Fortaleza – 1975.
5. “V Encontro Nacional de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa”. Curitiba – 1977.
6. “VI Encontro Nacional de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa”. Assis – 1978.
7. “VII Encontro Nacional de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa”. Belo Horizonte – 1979.
8. “VIII Encontro Nacional de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa”. Porto Alegre – 1981.
9. “IX Encontro Nacional de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa”. Recife – 1982.
10. “X Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa / I Colóquio Luso-Brasileiro de Professores Universitários de Literaturas de Expressão Portuguesa”. Lisboa/Coimbra/Porto/Vila da Feira – 1984.
11. “XI Encontro Nacional de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa”. João Pessoa – 1985.
12. “XII Encontro Nacional de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa”. São Paulo – 1988.
13. “XIII Encontro Nacional de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa”. Rio de Janeiro / Niterói – 1990.

14. “XIV Encontro Nacional de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa”. Porto Alegre – 1992.
15. “XV Encontro Nacional de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa”. Assis – 1994.
16. “XVI Encontro Nacional de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa”. Londrina – 1996.
17. “XVII Encontro Nacional de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa”. Belo Horizonte – 1999. Criada a Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa – Abraplip.
18. “XVIII Congresso Internacional da Abraplip”. Santa Maria – 2001.
19. “XIX Congresso Internacional da Abraplip”. Curitiba – 2003.
20. “XX Congresso Internacional da Abraplip”. Niterói – 2005.
21. “XXI Congresso Internacional da Abraplip”. São Paulo – 2007.
22. “XXII Congresso Internacional da Abraplip”. Salvador – 2009.
23. “XXIII Congresso Internacional da Abraplip”. São Luís – 2011.
24. “XXIV Congresso Internacional da Abraplip”. Campo Grande – 2013.

CONGRESSOS REGIONAIS NORTE-NORDESTE DA ABRAPLIP

- “I Encontro Norte-Nordeste da Abraplip”. Feira de Santana – 2006.
- “II Encontro Norte-Nordeste da Abraplip”. Fortaleza – 2008.
- “III Encontro Norte-Nordeste da Abraplip”. Tocantins – 2010.
- “IV Encontro Norte-Nordeste da Abraplip”. Manaus – 2012.
- “V Encontro Norte-Nordeste da Abraplip”. Teresina – 2014.